

A gruta dos mil crânios

O que faz da arqueologia uma ocupação de Verão é a disponibilidade de professores e alunos, a mão-de-obra da ciência

RUI DE CARVALHO

Também é no Verão que a porta da gruta do

Bom Santo, na serra de Montejunto, se abre para os investigadores que ali vão escavar e procurar compreender que motivos levaram os homens que habitaram a Estremadura há mais de 4 mil anos a transformar uma caverna em necrópole.

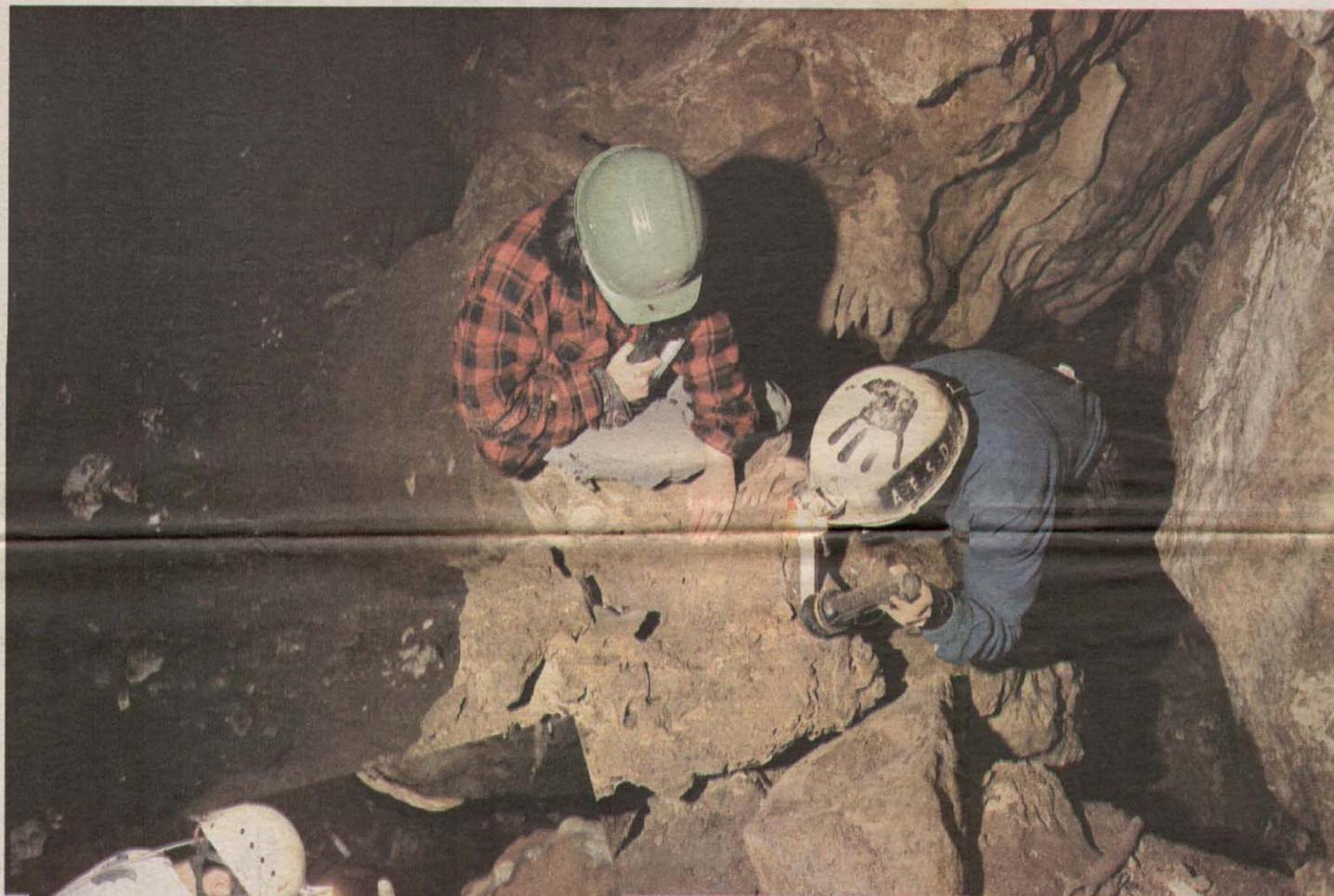
Neste caso, é uma simbiose: a arqueologia fica mais rica com as novas descobertas que vão sendo feitas; os exploradores ganham protecção da canícula, pois o interior da gruta onde passam grande parte dos dias mais quentes do ano é sumamente fresco.

Podia ser por isso que alguns voluntários ali passam todo o seu período de férias. Mas bastam poucos minutos de conversa com eles para nos apercebermos que não é por isso. O entusiasmo com que Emanuel Carvalho e Frederico Regalo, dois auxiliares de arqueologia do IPPAR que aqui trabalham durante as férias, relata

A canadiana Shauna McMarvey acha que pode haver indícios de uma descoberta sensacional: trepanações feitas há mais de 4 mil anos

latam as suas experiências, mostra que o bichinho da arqueologia há muito lhes mordeu e já não podem deixar de o alimentar.

Regalo foi o primeiro de um grupo de jovens da Associação de Espeleologia, Arqueologia e Defesa do Ambiente (AESDA), de Torres Vedras, a penetrar na gruta que descobriu com os colegas. Uma aventura que o EXPRESSO relatou em 1995, e que teria eco em revistas científicas de todo o mundo, levando simultaneamente muitos jovens a aderir a estas tarefas. Emanuel Carvalho, igualmente presente desde o início da exploração da gruta — quando não está a trabalhar! — deixa-nos fascinados quando relata as escavações em que participa no Mosteiro de Alcobaça. Af, os investigadores seguem



Fotografia: Jorge Simão

O espírito aventureiro de um grupo de jovens levou à descoberta desta imensa necrópole neolítica na serra de Montejunto, que continua a guardar muitos dos segredos que a antropóloga Cidália Duarte procura decifrar

textos das visitas para descobrir a arquitectura medieval do mosteiro, virando do avesso muitos dos pressupostos até agora aceites. Um trabalho de detective do passado,

em que as pistas «são textos irrefutáveis», como sublinha Carvalho.

A responsável pelas escavações em curso na necrópole de Montejunto é a antropólo-

ga Cidália Duarte, que trabalha com uma bolsa da Fundação Gulbenkian enquanto faz o seu doutoramento na Universidade de Alberta, no Canadá. «Escavámos até agora

cerca de 25 metros quadrados dos 240 que temos para escavar», explica. Há dois anos, não havia ainda datações precisas. Agora, «fizemos datações pelo rádio-carbono que apontam para 4500 anos antes do presente», diz Cidália Duarte. Acrescenta que «não há enterramentos propriamente ditos. Mas verificamos que ocorrem deposições secundárias, ou seja, corpos que foram primeiro enterrados noutro lado e posteriormente depositados aqui».

Até agora foi possível estimar a presença de cerca de 110 cadáveres. Mas pode haver surpresas. «Na primeira sala escavada — a que os espeleólogos que fizeram a descoberta chamaram Sala das 7 Cabeças, por se verem sete crânios à superfície — cons-

tatámos que havia o triplo de cadáveres.»

O espólio de artefactos encontrado é característico da época: machados e enxós, muitas contas em xisto e conchas perfuradas. Não se confirmou a função de instrumento musical de um pequeno osso perfurado encontrado durante a primeira campanha. O próximo grande passo será «fazer análises de ADN para ver se há algum relacionamento familiar entre os cadáveres depositados nas diversas salas».

Como a gruta não tem características de visita ao público, há intenção de fazer o centro de interpretação na Abrigada, a povoação mais próxima. «A Câmara de Alenquer está a dar uma excelente ajuda», diz Cidália Duarte, que, de resto, apenas conta com algum apoio do IPA, da Força

Aérea e do Instituto Florestal. Em especial na cedência de alojamento durante as campanhas de escavação.

Mas tem um apoio importante da Universidade de Alberta, que fez deslocar a especialista em antropologia física, Shauna McMarvey. «Procuramos diagnosticar as doenças que vitimaram as pessoas aqui sepultadas, e estou predominantemente interessada em tentar descobrir indícios de trepanações, o que seria verdadeiramente excitante, pois não foram até agora encontrados vestígios de intervenções cirúrgicas nesta época e nesta região europeia». E confessa que existem indícios muito prometedores que irá confirmar com análises microscópicas sobre amostras que levará para o seu laboratório.

A arte eterna

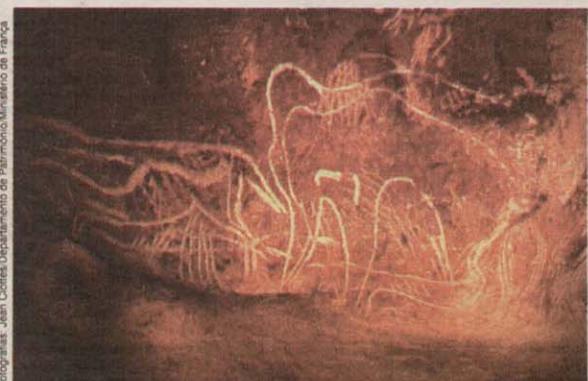
A GRUTA funerária da serra de Montejunto é uma descoberta arqueológica sensacional, que terá ainda muitas histórias para contar aos antropólogos que ali passam as suas férias de Verão. Mas há outras grutas cujas histórias estão contadas nas próprias paredes. Como a que foi descoberta há pouco mais de dois anos em Ardeche, no sul da França.

Foi uma prenda de Natal como Jean-Marie Chauvet, um funcionário dos Serviços Arqueológicos da região francesa de Rhône-Alpes, nunca imaginara poder receber. A 25 de Dezembro de 1994, juntamente com dois espeleólogos, abriu uma estreita passagem para uma pequena gruta nos contrafortes do Cirque d'Estre, perto da aldeia de Vallon-Pont-d'Arc. A partir daí, desceram por um poço e desembocaram numa vasta rede de cavernas totalmente intactas, cheias de deposições de calcite e restos de ursos que morreram enquanto hibernavam. As galerias, no geral com 5 por 4 metros, que ligam os enormes salões (com mais de 20 por 30 metros), estão decoradas em muitos locais com pinturas e gravuras representando animais, ora isolados ora organizados em cenas com mais de cinquenta exemplares, com dimensões que variam entre meio metro e mais de 2 metros. No total, os três exploradores depararam com mais de 200 gravuras em ocre negro ou vermelho. E com uma qualidade artística que as reproduções aqui apresentadas deixam avaliar.

E ainda uma singularidade de grande importância. Algumas das gravuras encontram-se riscadas pelas unhas dos ursos que habitaram as cavernas, o que elimina todas as dúvidas que pudessem surgir quanto à datação destas obras-primas da arte rupestre. Os restos dos ursos são facilmente datáveis pelo método do carbono 14. As gravuras são indubitavelmente paleolíticas, como logo as considerou Jean Clottes, do Departamento de Património do Ministério da Cultura de França, provavelmente o mais cotado especialista da actualidade em arte rupestre.

Ao longo das várias centenas de metros de galerias surge um número e uma variedade pouco habitual de figuras de animais, os mais diversos: cavalos, rinocerontes, leões, bisontes, raposas, marmutes, e até uma pantera. O que também constitui uma boa indicação sobre a época em que as gravuras foram realizadas. Não nos esqueçamos que nos encontramos no sul da Europa, onde muitos desses animais não existem há muitos milhares de anos.

Se do ponto de vista arqueológico esta caverna pode ser considerada uma descoberta única, com muitos indícios de actividade humana para lá das gravuras — fogueiras, madeira entalhada, arranjos de pedras —, do ponto de vista paleontológico não é menos importante. Alberga os restos de cerca de uma centena de ursos. E tudo num ambiente absolutamente fechado, livre de qualquer intrusão ou alteração. Daí que aqui não haja férias para ninguém.



Fotografias: Jean Coiret, Departamento de Património, Ministério da França